

Caderneta perdeu 7,5% até o mês passado

Vicente Nunes

A caderneta foi a única aplicação financeira cuja remuneração não conseguiu acompanhar a evolução do custo de vida no acumulado entre janeiro e setembro deste ano. Enquanto os depósitos na tradicional poupança foram remunerados no período em 172,74%, a inflação medida pelo Índice Geral de Preços do Mercado alcançou 193,16% — uma perda real de 7,5%. A situação dos investidores em poupança fica ainda pior se for levada em consideração a remuneração de 219,80% paga pelos CDBs ao longo dos nove primeiros meses do ano. Nesse caso os poupadores embolsaram um prejuízo médio real de 17,25%.

A situação dos depositantes melhorou, no entanto, em setembro. Pela primeira vez desde fevereiro último, quando a rentabilidade da poupança passou a ser indexada à variação da TRD mais juros de 6% ao ano, a caderneta conseguiu superar a inflação: as aplicações renderam 17,36% contra um IGP-M de 14,93%. Na verdade, setembro foi um mês muito favorável aos investidores. Entre todos os ativos, somente o IBV (índice que mede o sobe e desce da Bolsa do Rio) perdeu para a inflação. Os maiores beneficiados foram aqueles que aplicaram no mercado do ouro. O grama do metal acusou, no período, valorização de 30,94%.

O fraco desempenho da poupança, entretanto, não tem afastado os investidores deste tipo de aplicação. Segundo os últimos levantamentos efetuados pela Associação Brasileira das Empresas de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip), os depósitos ainda vêm superando os saques em cerca de Cr\$ 200 bilhões/mês. "A caderneta é um investimento tradicional e uma das poucas opções para os pequenos investidores", explica o diretor-executivo do Banco Boavista, Antonio Castello Branco. Ele afirma que o governo reconheceu isto, na medida em que passou a sinalizar, mensalmente, uma TR próxima das expectativas inflacionárias. "Se por mais alguns meses a poupança passasse a ter rendimento ne-

gativo, certamente a evasão de dinheiro da poupança não poderia ser evitada", completa.

Esta também é a avaliação do vice-presidente financeiro do Banco Econômico, José Bandeira de Mello. Ele acrescenta que o fluxo de recursos no mercado financeiro continua normal, apesar da mididesvalorização de 15% do cruzeiro frente ao dólar e da nova arrancada das taxas de juros, medidas que, em outros tempos, causariam um corre-corre no mercado financeiro. "Os investidores estão mais maduros. Hoje já não agem com tanta precipitação. Preferem estudar as mudanças e ver a poeira assentar para então definirem o que fazer com os seus recursos. Isto certamente é uma postura sensata e evita prejuízos inesperados".

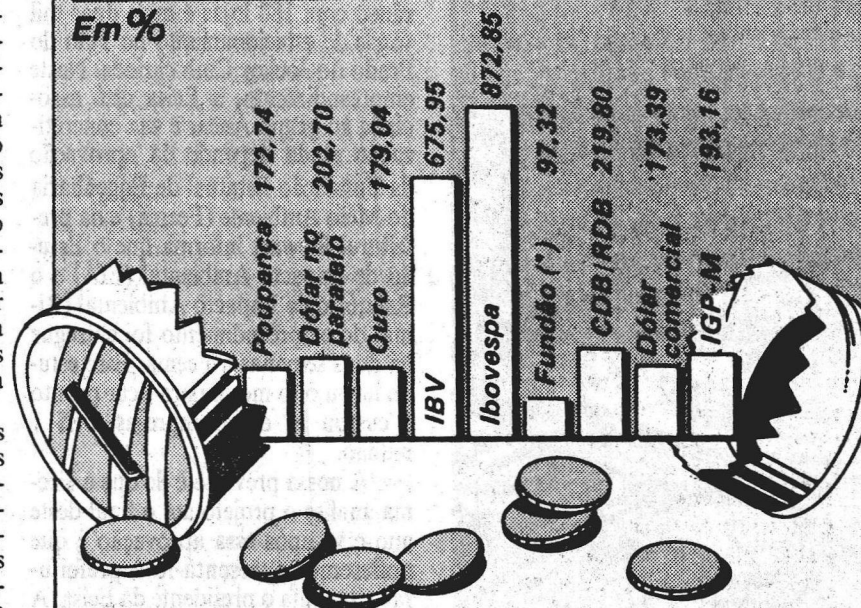
Castello Branco lembra que as mais penalizadas em termos de captação, nos últimos dias, têm sido as bolsas de valores. "Os volumes de negócios encolheram devido à suspensão do leilão de venda da Usiminas — setembro foi um dos piores meses para as bolsas: o IBV acusou alta de apenas 14,19% e o Ibovespa de 17,27%. Este quadro, no entanto, deverá mudar assim que o processo de privatização começar a efetivamente ser colocado em prática", diz, ressaltando que, nos demais segmentos do mercado, a maior parte das instituições financeiras tem registrado aumento nos volumes de recursos administrados.

"Esse dinheiro está vindo, principalmente, dos cruzados novos liberados pelo Banco Central. No Boavista, por exemplo, 25% desses recursos estão sendo sacados do DER e alocados para os fundos de renda fixa e CDBs. Tanto que, no acumulado entre agosto e setembro, o patrimônio líquido dessas aplicações teve um aumento real de 45%. O segredo é a boa rentabilidade paga pelos fundos: cerca de 20% em setembro e 210% no ano. No DER só estão ficando o dinheiro de curto prazo — que precisa de liquidez imediata", afirma Castello Branco. A regra também vale para o Fundão, que absorve cruzeiros do dia-a-dia, até porque é uma forma de se proteger de uma inflação de cerca de 0,8% ao dia.

Luiz Dacosta

A remuneração acumulada no ano

Em %



(*) A remuneração do Fundão foi acumulada a partir de março, quando passou a substituir os fundos de curto prazo e o overnight.

A rentabilidade dos ativos em setembro

